

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUCSP
Curso de Especialização em História, Sociedade e Cultura

Dayana Cristina de Souza Candido

**RACISMO EM SÃO PAULO: DIÁSPORA DE UMA REALIDADE VIVIDA PELOS
HAITIANOS NA METRÓPOLE DO DESENVOLVIMENTO**

SÃO PAULO/SP

2018

Dayana Cristina de Souza Candido

**RACISMO EM SÃO PAULO: DIÁSPORA DE UMA REALIDADE VIVIDA PELOS
HAITIANOS NA METRÓPOLE DO DESENVOLVIMENTO**

Trabalho apresentado no curso de
Especialização em História, Sociedade e
Cultura da Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo – PUC SP.

Profª Dr. Amailton Azevedo

SÃO PAULO/SP

2018

RACISMO EM SÃO PAULO: DIÁSPORA DE UMA REALIDADE VIVIDA PELOS HAITIANOS NA METRÓPOLE DO DESENVOLVIMENTO

RESUMO

Pensar em Racismo no Brasil, nos submete a reflexão sobre a Diversidade desse país, em especial, os negros advindos da África e a problemática que encontram referente à aceitação na cidade de São Paulo, já que o racismo independente de local é uma realidade brasileira, ressaltando que nosso país foi um dos últimos a acabar de vez com a escravidão. Pensando em século XXI e essa realidade, será que os imigrantes em especial aqueles refugiados devido ao terremoto em 2010 que vieram em busca de novas oportunidades, empregos, vida social, sentem-se realmente bem recepcionados por esse povo dito caloroso/receptivo? O desdobramento desse artigo nos remete a reflexão e possibilidades dentro da nossa realidade, já que o Brasil é um país extremamente racista e discriminatório, onde os próprios negros brasileiros ainda sofrem com o passado da escravidão, quem dirá os imigrantes.

Palavras-chave: Imigrantes haitianos; racismo; escravidão; São Paulo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar reflexões acerca do Racismo vivido pelos haitianos no Brasil, especificamente na cidade de São Paulo, em especial por aqueles que chegaram após o grande terremoto no ano de 2010, que motivou vários haitianos a se refugiarem em outros países, sendo o Brasil um dos mais cogitados, já que somos o país da diversidade, do sorriso fácil, da receptividade. Mas com todos os problemas sociais já existentes, aqui falaremos sobre o racismo. Será que esses povos escolheram o melhor lugar para recepcioná-los? Já que são da pele negra, ressaltado que o racismo é uma realidade brasileira, e que fomos uns dos últimos países a abolir a escravidão. Falaremos aqui da vivência desses povos na cidade da diversidade, na grande metrópole brasileira, a cidade de São Paulo, grande objeto de desejo, já que a mesma ainda é chamada de terra das oportunidades.

Um dos brasileiros mais esclarecidos do século XIX, Joaquim Nabuco, escreveu assim: “A escravidão [...] impede a imigração, desonra o trabalho manual, retarda a aparição das indústrias, promove a bancarrota [...]” e adiante: “Muitas das

influências da escravidão podem ser atribuídas à raça negra, ao seu desenvolvimento mental atrasado, aos seus instintos bárbaros ainda, às suas superstições grosseiras”. Ou seja, o abolicionista não tinha em boa conta o futuro promissor do negro alforriado. Nabuco, intelectual vigoroso, estava em sintonia com o pensamento racial da classe dominante. Foi um expoente dos que contaram a história, e a contaram pregando o branqueamento. Não se tratava de libertar o negro para incluí-lo na sociedade em que se trabalha, se produz e se desfruta – essa seria dos brancos daqui e dos que viessem como imigrantes qualificados. À raça negra, a marginalidade, cita Petrônio Domingues em seu livro: *UMA HISTÓRIA NÃO CONTADA: Negro, racismo, e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*, que utilizaremos nesse artigo, para discutirmos o racismo vivido pelos negros na cidade de São Paulo, pois se os próprios negros brasileiros vivem com essa problemática, quem dirá os imigrantes haitianos, que além de tudo, não falam nossa língua, que muitas vezes tem estudo, mas não ganham credibilidade, simplesmente por terem a “pele escura”.

Para materializar a discussão à qual aqui propus, dividi este artigo em três seções ao longo das quais: (1) tracei um panorama geral da imigração haitiana para o Brasil; (2) apresentei a problemática do racismo vivido pelos negros na cidade de São Paulo, em especial os haitianos; (3) discuti a experiência vivida através da observação, possibilidades de sentimentos que se pode ter, sendo de uma classe excluída.

Na mesma medida, na elaboração da pesquisa foi adotado o método de procedimento histórico, que se justifica pela necessidade de se investigar acontecimentos, processos e instituições do passado no tocante a questão racial e migratória brasileira, que deverão ser introduzidos para se esclarecer a respeito da evolução do tema no cenário brasileiro, bem como seu estado atual. Outrossim, utilizou-se de método de procedimento bibliográfico, pois a presente pesquisa foi elaborada a partir de livros, artigos e dados publicados.

IMIGRAÇÃO HAITIANA PARA O BRASIL

Efetivamente, o que é um processo de imigração? Quais as características e implicações relacionadas às questões sociais o indivíduo? Segundo Malgesini e Giménez, “a imigração é o ato de entrar e residir temporária ou permanentemente em um país distinto do de origem” (*apud* Fernández, 2001, p.23), então, é quando o

indivíduo estabelece outro ambiente como seu espaço, mesmo que temporário, num território diferente do seu original. Imigração é o fenômeno protagonizado pelo mesmo indivíduo, mas visto pela perspectiva do país que o acolhe, ou seja, é a entrada de quem vem do exterior para fins de trabalho e/ou residência, passando a ser denominado por imigrante”.

Segundo o Itamaraty, o cenário de imigração de haitianos para o Brasil compara-se com os de japoneses e italianos, que desembarcaram no país entre o período imperial e os primeiros anos da República (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013, p. 95). O motivo da vinda desses indivíduos para o Brasil é resultado de acontecimentos contemporâneos no Haiti e de acordos internacionais. Em 2004, o Conselho de Segurança da ONU criou a MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti) com o intuito de restaurar a ordem no país após um período de crise política e nesse contexto o Brasil foi apontado pela ONU como líder dessa missão com objetivos pacificadores do Haiti (ALESSI, 2014, p. 12).

Somado a um cenário social caracterizado por extrema pobreza e violência, o terremoto que abalou o país em 2010 potencializou a vulnerabilidade desta nação, impulsionando o processo migratório dos haitianos para o Brasil (AUDEBERT, 2011). Se inicialmente o processo de imigração dos haitianos era ilegal, a resolução normativa 97/2012 do Conselho Nacional de Imigração garantiu o visto humanitário permanente aos haitianos, condicionado ao prazo de 5 anos, sem a necessidade de contrato de trabalho estabelecido previamente no Brasil (PACIFICO, 2013, p. 108).

Como aponta Audebert (2011), o início da diáspora haitiana não data de 2010, sendo, de fato, bem anterior a isso e motivado por questões de ordem econômica e política que se acentuaram no Haiti ao longo da segunda metade do século XX, provocando sucessivos movimentos migratórios que, historicamente, dirigiram-se principalmente em direção aos Estados Unidos e, mais recentemente, ao Canadá, à Europa e ao Brasil. Atualmente, segundo o mesmo autor, um milhão e meio de haitianos vivem no exterior (esse número chega a dois milhões se incluirmos gerações subsequentes, constituídas pelos filhos dos imigrantes), o que é equivalente a quase 20% da população do país de origem (AUDEBERT, 2011). Muitos dos haitianos que migram para o Brasil com o objetivo de reconstruírem suas vidas são qualificados profissionalmente, apresentam histórico de formação técnica ou superior e fluência em mais de dois idiomas. Esse fato é ratificado por Audebert (2011), o qual aponta

que são principalmente os haitianos que concluem a graduação que consideram espaços diaspóricos como uma possibilidade de construir novas trajetórias em suas vidas. Segundo o autor, a emigração ao longo das últimas quatro décadas mobilizou cerca de 30% dos haitianos em idade ativa com ensino secundário e 84% daqueles com nível superior. Todavia, o que se observa é que ao serem empregados no Brasil, esses imigrantes são explorados e não possuem seus direitos trabalhistas assegurados (MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013, p.106), o que, estimamos, tem relação com questões de natureza cultural e racial.

RACISMO A BRASILEIRA NA METRÓPOLE DA DIVERSIDADE

Falar sobre racismo nos dias atuais em pleno século XXI parece retomar um assunto do passado, em tempos de escravidão. Os negros brasileiros sofreram e sofrem com essa realidade, ainda mais os imigrantes vindos dos países pobres da África, ressaltando que a “aversão ao estrangeiro” é seletiva, sendo principalmente com os imigrantes negros, os quais são duplamente vulneráveis, pois mais do que sua nacionalidade, sofrem devido à cor da sua pele negra – com o racismo. Segundo Mattos:

O Brasil, por ter como uma de suas principais características a miscigenação de sua população, ao longo de sua história negou incisivamente a existência de preconceito racial, disseminando a ideia de que aqui vigorava uma verdadeira democracia racial. No entanto, o preconceito em face de pessoas negras é um dos maiores vestígios deixados pelos séculos de escravidão que vigoraram no Brasil, sendo plenamente perceptível em nossas instituições, cultura e sociedade, embora esteja sendo apenas nas últimas décadas reconhecido e, assim, se criando mecanismos para detê-lo.

Dessa forma, podemos colocar em debate a dificuldade que os haitianos encontraram no Brasil, mesmo sendo conhecido com um país miscigenado e receptivo, ainda há muito que construir, marcas de um passado que a cada dia parece mais presente. Ainda citando Mattos:

Nesse aspecto, então, aquele que é concomitantemente negro e imigrante está à mercê de ambas as formas de discriminação

e exclusão – xenofobia e racismo. E não são raros os casos noticiados onde imigrantes negros têm seus direitos violados por ofensas, agressões e demais condutas vexatórias e humilhantes que lhe são proferidas devido à cor de sua pele e nacionalidade.

Enquanto as dificuldades estão presentes, principalmente essas relacionadas a questões sociais e raciais, esses povos estarão institucionalizados no Brasil através de leis, mas não com a receptividade que merecem.

Note-se que tal situação foi acentuada nos últimos tempos, na medida em que com o aumento do desemprego e da crise financeira, o imigrante é visto mais uma vez como ameaça. No entanto, conforme apontado em audiência pública promovida na Comissão de Relações Exteriores e de Defesa Nacional da Câmara dos Deputados a fim de discutir o ataque sofrido por haitianos em São Paulo, num país com cerca de 200 milhões de habitantes, a chegada de cerca de 10 mil habitantes não influencia na questão da mão de obra, demonstrado que tais situações estão na realidade muito mais ligadas ao preconceito (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2015).

Os imigrantes vindos da África e do Haiti, dessa forma, carregam em sua pele o estigma de sua origem e de sua “raça”, sendo facilmente distinguidos dos demais devido sua cor, religião e cultura, o que ocasiona numa dificuldade maior de se integrarem plenamente na sociedade (SUTCLIFFE, 1998, p.89). Nessa linha, emerge o apontado no livro “Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon”, onde é mencionado que “no discurso perpassa a ideia de que ser negro e ser estrangeiro são duas marcas de identidade que geram estranhamento no âmbito da sociedade de acolhida” (GAVIRIA MEJÍA; SIMON, 2015, p.37).

Mas mais do que impactos na sociedade brasileira, tais demonstrações preconceituosas trazem prejuízos inestimáveis aos imigrantes. Isso porque, muitas vezes é no Brasil que esses imigrantes têm contato pela primeira vez com a violência racial. Conforme Renel Simon aponta em sua biografia, para ele e outros haitianos, ser negro sempre foi percebido como algo positivo, na medida em que essa característica traz um pouco da história de seu país (2015, p.36). Contudo, apesar de preservar o orgulho de sua origem e, em decorrência disso, gostar de ser negro, no Brasil percebe a discriminação por causa da cor da sua pele (GAVIRIA MEJÍA; SIMON, 2015, p.37). Conforme apontado por Alex André Vargem, membro do Instituto do Desenvolvimento da Diáspora Africana no Brasil – IDDAB – em entrevista, em seus

países de origens esses imigrantes estão submetidos a questões étnicas distintas do racismo vivido no Brasil (OPERA MUNDI, 2015). Observa-se que isso influencia a própria visão de si mesmo, muitas vezes fazendo com que eles se subestimem.

Dessa forma, atualmente, embora já ultrapassadas e desacreditadas as teorias científicas que classificavam os seres humanos em raças, estando pacificado cientificamente que a única raça existente é a humana, ainda se utiliza do termo “racismo” como forma de definir um fenômeno social e político. Nesse sentido, já decidiu o Supremo Tribunal Federal, em relação aos judeus no “Caso Ellwanger” 28, que

a noção de racismo (...) não se resume a um conceito de ordem estritamente antropológica ou biológica, projetando-se, ao contrário, numa dimensão abertamente cultural e sociológica, além de caracterizar, em sua abrangência conceitual, um indisfarçável instrumento de controle ideológico, de dominação política e de subjugação social.

Nesse sentido, vale ainda ressaltar o conceito trazido por Bobbio (2007, p.1059) em Dicionário de Política, onde traduz que

com o termo racismo se entende não a descrição de diversidade das raças ou dos grupos étnicos humanos realizada pela antropologia física ou pela biologia, mas a referência do comportamento do indivíduo à raça a que pertence e, principalmente, o uso político de alguns resultados aparentemente científicos, para levar à crença da superioridade de uma raça sobre as demais. Este uso visa a justificar e consentir atitudes de discriminação e perseguição contra as raças que se consideram inferiores.

O discurso sobre diferenças de raças, caracterizando o modo de ser e agir do indivíduo de acordo com a cor de sua pele poderia ser diferente, onde as pessoas não fossem valorizadas devido a isso, mas pela grande raça humana que somos todos nós.

Em relação ao racismo na cidade de São Paulo, grande reduto dos haitianos na chegada ao Brasil, já que a reconhecemos durante muitos anos como a terra das

oportunidades “para todos”, independente de sua nacionalidade. Considerado com um racismo diferenciado do padrão brasileiro: o racismo cordial. Resultado do regime de segregação racial que foi recrudescido no pós-abolição em São Paulo. Onde segundo Domingues (página 135):

Apesar de muitas vezes não apurada pela historiografia, havia uma política de exclusão do negro, traduzida pelos códigos legais e pelos costumes, combinadamente. Tal política impedia que o negro desfrutasse dos mesmos direitos civis assegurados aos brancos.

O Pronunciamento do deputado Orlando Prado, em uma sessão da atual Assembleia Legislativa, em 31 de julho de 1928, é um exemplo de como a exclusão do negro estava incrustada em alguns órgãos do estado de São Paulo:

“Os pretos, sr. Presidente, haviam sido sistematicamente afastados dos exercícios de certos cargos na administração pública, tais como os da Guarda Civil, fiscalização de veículos, guarda da Penitenciária e, mesmo na Força Pública, raríssimos têm sido os pretos que conseguem promoção até os postos de sargento.

Aos que estabeleceram esse regime, sr. Presidente, pareceu, quiçá, vergonhoso e antiestético, aparecer aos olhos dos estrangeiros que nos visitam, e que até nos fazem o favor de nos explorar, uma Guarda Civil em que se encontrassem homens de cor, formando ao lado de brancos enluvados e não sei que mais raças das puras, das que não têm sangue negro e até têm sangue azul [...] (Risos).” (página 135)

Essa realidade grotesca esteve presente durante muitos anos na cidade de São Paulo, mesmo após a abolição. Estando assim presente até os dias atuais, não de forma tão explícita, mas verificamos no mercado de trabalho, principalmente no mercado informal, onde a maioria das pessoas presentes são os negros.

NA BUSCA POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA

No Brasil, alguns órgãos hoje estão preparados para receber os imigrantes, em especial, os haitianos. Atualmente a União Social dos Imigrantes Haitianos (USIH) é

uma das mais influentes na cidade de São Paulo, a mesma foi criada por próprios haitianos que tinham interesse em ajudar os negros, pobres e hoje em especial, seus conterrâneos que chegam ao Brasil diariamente. Fedo Bacourt foi um dos haitianos que chegou ao Brasil, e foi recebido pela União:

“A pior coisa que aconteceu na minha vida foi o terremoto. Vi muitas mortes e destruição”, relembra Fedo Bacourt, 38 anos, há um ano e meio no Brasil, sentado na cozinha de sua modesta casa alugada, em Itaquera, zona leste de São Paulo. Do dia para noite, o haitiano viu serem reduzidas a pó a igreja e a escola onde atuava como pastor e professor de línguas e história. Sem perspectivas de trabalho, o caminho natural – assim como o de milhares de outros haitianos desde 2010, quando o abalo sísmico mergulhou o país em grave crise humanitária – foi à vizinha República Dominicana, por indicação de um amigo. (Revista Ocas – nº100 Março/Abril2015).

Dessa forma, como relatou Fedo, a destruição em seu país de origem o fez buscar outras oportunidades, para assim recomeçar uma nova vida, bem longe de sua família.

Uma notícia do jornal RDA – Rede Brasil Atual disponível no link: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/02/numero-de-haitiano-vindos-do-acre-a-sao-paulo-volta-a-crescer-nao-ha-abrigos-suficientes-7485.html> (publicado no dia 06/01/2016), tem como título:

Número de haitianos em São Paulo volta a crescer, sem abrigos suficientes
Urgência para conseguir ocupação aumenta vulnerabilidade e aumenta chances de os imigrantes caírem em redes de escravidão. A notícia diz o seguinte:

“São Paulo – A trajetória do haitiano Jean Erso começou em meados de dezembro, quando ele saiu do seu país com a esperança de uma vida melhor em São Paulo e encontrou pela frente um caminho marcado pelo perigo e pelo desamparo: foram mais de US\$ 5 mil entregues aos chamados coiotes como pagamento por 13 dias de uma viagem clandestina, na qual percorreu República Dominicana, Equador e Peru, até chegar ao Acre. De lá, mais quatro dias em um ônibus até São Paulo. Ao chegar na cidade se deparou com a falta de informação, demora para regularização dos documentos e sobretudo falta de vagas em abrigos.

Porém, a capital paulista tem apenas 220 vagas para abrigar imigrantes temporariamente, somando 110 vagas do Centro de Referência e Acolhida para Imigrantes (Crai), inaugurado pela prefeitura em agosto do ano passado, e mais 110 vagas na Casa do Migrante, na organização católica Missão Paz,

um dos principais destinos de quem chega à cidade. O governo do estado oferece 50 vagas de acolhida, porém apenas para imigrantes vítimas de tráfico de pessoas, trabalho escravo e homofobia.

"Tivemos muitos anos de intervenção da Missão de Paz do Brasil, pelas Nações Unidas, no Haiti e sempre nos passaram a ideia que o Brasil era um país em desenvolvimento e acolhedor. Mas quando chegamos aqui enfrentamos várias dificuldades, burocráticas e de infraestrutura. Se o país almeja se fortalecer no cenário internacional precisa de uma política migratória diferente", critica o imigrante haitiano Patrick Dieudanne, formado em Relações Internacionais, que está no Brasil há um ano, e tem ajudado os recém-chegados com o idioma.

"Pelo menos 230 imigrantes haitianos já foram resgatados de trabalhos em condições análogas à escravidão no Brasil entre 2013 e 2014, sendo pelo menos 12 em São Paulo, em uma oficina de costura na região central da capital paulista."

Esses são alguns relatos dos haitianos em relação à vinda para o Brasil, onde tinham grandes esperanças, e promessa de que aqui, em especial na cidade de São Paulo, seriam bem recepcionados e começariam uma nova história de vida, com emprego, assim, podendo posteriormente trazer os demais familiares que ficaram em seu país. Percebe-se a falta de preparo da sociedade brasileira para receber os imigrantes haitianos, que em sua maioria chegam ao país pelo Acre, onde deveriam através de um sistema/banco de dados serem cadastrados, e saírem com as carteiras de trabalho, para que assim o processo para conseguir um emprego, seja mais ágil. Lembrando que os haitianos hoje ocupam espaços profissionais que muitos brasileiros não aceitam, alguns com graduação e falando três idiomas diferentes. Como disse Patrick: "Se o Brasil almeja se fortalecer no cenário internacional precisa de uma política migratória diferente".

No jornal online Carta Capital disponível no link: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/seis-imigrantes-haitianos-sao-baleados-em-sao-paulo-9027.html> (publicado no dia 08/08/2015), diz que:

“Seis imigrantes haitianos são baleados em São Paulo”

Antes de disparar, o atirador teria gritado: “Haitianos, vocês roubam nossos empregos!”

Os feridos passaram por duas unidades de saúde antes de conseguir atendimento médico. "Eles não foram atendidos por racismo, foram mandados para casa com as balas e com dor", relatou o haitiano Patrick Dieudanne, que prestou socorro às vítimas, ao jornal *O Globo*.

A problemática do racismo em especial na cidade de São Paulo para com os haitianos é uma constante realidade, na notícia acima pudemos ver o quão os

moradores da cidade atribuem a falta de emprego ao fato de terem fixado moradia na metrópole, onde se tornaram ameaça para um povo que muitas vezes tem menos conhecimentos que os mesmos, pois bem sabemos que muitos haitianos chegam ao Brasil com graduação, muitas vezes até pós-graduados, falando outras línguas, e aceitando condições de trabalho inferior as que os brasileiros aceitariam.

Quando Patrick cita que os amigos não foram atendidos devido ao racismo, demonstra o despreparo de um todo societário, pois se fossem negros brasileiros, talvez fosse difícil, mas sendo haitianos e não falando nossa língua são jogados a margem da sociedade, como se estivessem pegando o lugar de alguém, e não merecessem a devida atenção.

CONCLUSÃO

O presente trabalho, fiel a seu objetivo de que os resultados possam contribuir com o debate teórico acerca das questões que envolvem a questão discriminatória em relação ao imigrante negro, em especial os haitianos, propôs uma análise social ao tema. No entanto não havia outra forma de iniciar a análise, sem apresentar a diáspora e o início da necessidade dessa imigração, ou seja, o grande terremoto que devastou o Haiti. Observando que a questão racial exerceu forte influência na tratativa do assunto pelos brasileiros responsáveis direta ou indiretamente pela situação, sem deixar de receber os necessitados.

Os africanos chegaram de forma violenta e desumana ao Brasil, onde foram submetidos ao sistema escravista, sendo vistos como objetos ou/até mercadorias. Ressaltando que mesmo ao fim da escravidão, onde o Brasil foi um dos últimos países a abolir totalmente, ressaltando que até hoje vivemos resquícios dessa realidade que findou-se em 1888, porém, de forma natural no dia a dia, a escravidão perpetua.

Com a abolição da escravatura, milhares foram submetidos ao desemprego, deixando o negro a margem da sociedade, sendo colocado sempre em situação de marginalidade e despreparo para o trabalho pensante, onde sua forma física o denominava com um ruim ou bom profissional. Ressaltando a ideia de branqueamento da sociedade brasileira, na qual tinha como objetivo tornar o Brasil um país a imagem e semelhança das grandes potências europeias.

Dessa forma, inicialmente, algumas medidas deveriam ter sido tomadas para que os casos referentes ao racismo fossem coibidos, aplicando-se os mecanismos já existentes no Brasil. As informações prestadas pelas autoridades aos imigrantes para que saibam seus direitos e como denunciar as situações discriminatórias devem ser melhoradas e assim saberem como denunciar essas situações discriminatórias. O Poder Judiciário também precisa entender que mais do que uma conduta que deve se amoldar ao tipo previsto na norma, o racismo é uma prática que não se coadunam com o Estado de Direito que tem como princípio fundamental a Dignidade da Pessoa Humana

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "Haiti - História"; *Brasil Escola*. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/historia-haiti.htm>. Acesso em 22 de abril de 2017.

Revista Internacional de Língua Portuguesa: Imigrações, Disponível em http://lnx.scalabriniane.org/smr/wp-content/uploads/2013/09/livro_migracoes.pdf#page=360. Série, nº 24 – 2011.

ALESSI, Mariana Longhi Batista; **A Migração dos Haitianos para o Brasil**, Conjuntura Global, Curitiba, Volume 2, n. 2, abr./jun., 2013, p. 82 – 86.

SILVEIRA, Ana Paula Kuczmynda; PIMENTA, Renata Waleska de Sousa; CORDEIRO, Rita de Cássia da Silveira. **HAITIANOS SÃO AFRODESCENDENTES? REFLEXÕES SOBRE IMIGRAÇÃO E AFRICANIDADE.**

ANJOS, Nara Angela dos; **Representação social do trabalho no Brasil na perspectiva do migrante haitiano**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná Curitiba, 2017.

DOMINGUES, Petrônio José; **Uma história não contada: Negro, racismo, e branqueamento em São Paulo no pós-abolição**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.